



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

BÁRBARA ARAÚJO LARA

METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:

em busca de aprendizagens significativas

BRASÍLIA

2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

BÁRBARA ARAÚJO LARA

METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:

em busca de aprendizagens significativas

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza

BRASÍLIA

2018

Dedico este trabalho, primeiramente, à minha mãe e à minha avó que tanto torceram por mim desde o início da minha graduação, e a todos que contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me sustentou até aqui, me capacitando e encorajando cada dia mais para que eu pudesse continuar nessa caminhada.

Agradeço à minha mãe, Rosemary, que facilitou minha graduação, me dando apoio sempre que precisei, me levando ou buscando na UnB, sempre acreditando em mim até mesmo quando eu não acreditei.

Ao meu namorado Igor, que me deu total apoio em todos os momentos, sempre acreditou em mim e que foi fundamental para que eu conseguisse concluir meu último semestre.

A todos os meus amigos da Universidade, em especial Neurivan, Rayanne e Andréa, que sempre dividiram seus conhecimentos comigo e compartilharam seus momentos universitários junto a mim.

À minha tia Verinha, que me ajudou com todo seu conhecimento e sabedoria.

À toda minha família e amigos que contribuíram de alguma forma no decorrer desses anos.

À minha orientadora Maria Emilia Gonzaga que me acolheu e aceitou me orientar mesmo fazendo parte de outro departamento.

À professora Rozana que foi fundamental para que eu conseguisse entregar minha monografia.

Não se pode ensinar nada a um homem; você pode apenas ajudá-lo a encontrar aquilo dentro de si mesmo.

Galileu Galilei (1564-1642)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 – UM OLHAR SOBRE A DUALIDADE: ESCOLA TRADICIONAL E ESCOLA CONSTRUTIVISTA.....	9
1.1 – Escola Tradicional.....	9
1.2 – Escola construtivista.....	11
2 – EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA: UM CAMINHO PARA A APRENDIZAGEM ATIVA?.....	11
2.1 – A aprendizagem ativa.....	11
2.2 – Análise dos métodos ativos do livro Língua portuguesa e didática.....	13
2.3 – Papel do erro e métodos de avaliação.....	15
2.4 – Formação do professor e seu autoconhecimento.....	18
3 – METODOLOGIA DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: QUANTO MAIS EU APRENDO MENOS EU SEI! UM ESTUDO SOBRE A DIFICULDADE DA PERCEPÇÃO DA LÍNGUA NAS AULAS DE PORTUGUÊS.....	20
3.1 – As dificuldades do ensino da língua portuguesa na escola.....	20
3.2 – Aplicação de metodologias ativas no ensino da Língua Portuguesa.....	20
4 – O TRABALHO ATRAVÉS DO MEU OLHAR.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
BIBLIOGRAFIA.....	34

INTRODUÇÃO

Através das metodologias percebidas por meio da convivência com alunos da Educação Básica, vejo que a escola ainda é tradicional, onde o professor domina todos os conteúdos e aulas ministradas. Porém, existem muitas propostas de educação com metodologias ativas e propostas de ensino inovadoras. Percebendo a transformação que essas metodologias podem trazer para os processos de ensino-aprendizagem e seus funcionamentos na prática, resolvi pesquisar e entender a partir de autores e pesquisadores seus fundamentos e como aplicá-las no ensino da Língua Portuguesa. O principal objetivo deste trabalho foi pesquisar métodos ativos que sejam relevantes para o aprendizado, tendo o aluno como protagonista e o professor como facilitador da matéria.

A área da educação sempre me chamou muito a atenção, apaixonada desde pequena por quadro, giz, e a ideia de ser professora, eu não poderia crescer e deixar todo esse amor de lado. Mesmo pendulando para a área da Língua Portuguesa, sempre gostei de estudar matérias de educação, afinal, para ser uma boa professora, é meu dever amar e estudar tudo o que envolve minha postura como educadora e desperta um olhar mais cuidadoso para os meus alunos. Apesar de ter muitas críticas ao sistema de ensino que, infelizmente ainda não é nenhum pouco libertador, acredito que esse trabalho será uma porta de entrada para que eu me envolva cada vez mais nessa área e quem sabe, futuramente, fazer parte das pessoas que mudarão a educação do país. A escolha do tema, além de vir do meu gosto e interesse por educação e metodologias, veio também das minhas experiências como professora, já que tive o imenso prazer de na minha formação, aprender além da teoria e me formar também na prática, pois dou aulas de reforço de Língua Portuguesa para alunos de várias escolas particulares de Brasília. Conheço a metodologia de muitas escolas da capital, a maioria muito tradicionalista e maçante, sempre muito focadas nos sistemas externos de avaliação, com o intuito de preparar os alunos para esses sistemas, mais do que educação, o ensino está virando estratégia de *marketing* e mercadoria. Como aspirante à professora, ainda sem tantas vivências, muitas coisas me assustam, então nada melhor do que escrever sobre sala de aula na prática para fomentar minhas opiniões e críticas sobre a metodologia de algumas escolas e professores de português.

A meu ver, é impossível não associar o aprendizado com o método. O professor tem o papel de criar métodos eficazes para que a aprendizagem aconteça. É muito importante que o

educador se autoavalia diante da sua postura como mediador e sempre reveja sua metodologia para que aplique sempre o que é bom e funcional para o aluno e não para ele mesmo. Só existe método de ensino se houver aprendizado.

Quando lemos sobre o ensino tradicional, é impossível não encontrarmos semelhanças com o ensino atual, e a sensação que tenho, é que as escolas em vez de progredirem, estão regredindo ao ensino tradicional, com tantas cobranças e metodologias maçantes, se esquecendo que o aluno não é e nunca será apenas uma máquina de fazer notas. Vale sempre lembrar que educação não é mercadoria.

No decorrer deste trabalho, compartilhei algumas experiências e opiniões a respeito de tudo o que foi escrito no desenvolvimento do mesmo. Acredito que, ao sistematizar todo o conteúdo presente, esta monografia servirá para que eu, como professora, repense a educação minhas posturas e meus métodos. Na verdade, acredito que a educação está sistematizada em uma metodologia tradicional, onde os pais e professores estão inseridos e presos de tal forma, que tudo que foge ao tradicional, acaba se tornando um absurdo.

Na parte da língua portuguesa, uma crítica sobre a dificuldade dessa língua dentro da escola e algumas soluções para que esse ensino deixe de ser robotizado e descontextualizado, mas principalmente, para que as pessoas tomem consciência da importância do ensino da língua portuguesa além das provas de vestibular ou concurso público. O domínio da língua é uma importante ferramenta para a comunicação e para a boa expressão de ideias através da fala e escrita. A falta de valorização das aulas de português vem da ideia de que “estudamos e treinamos” português desde quando nascemos, então para que estudar uma língua que já “dominamos”?

A Língua Portuguesa, desde o berço praticada e frequente para o aluno antes de chegar à escola e antes da aula começar, é vista mais ou menos como um complemento de um aperfeiçoamento que o melhora, mas não o inova.
(SELBACH, 2010. p. 43)

Este trabalho contém um estudo sobre a educação fora da teoria. Dentro da prática, da sala de aula, da relação professor-aluno, da postura de cada um, da irrelevância do ensino diante da relevância da aprendizagem e algumas soluções teóricas fundamentadas em pesquisas, práticas e leituras já feitas.

CAPÍTULO 1 – Um olhar sobre a dualidade: escola tradicional e escola construtivista

1.1 Escola Tradicional

O nascimento da escola institucionalizada, se dá a partir do século XVI, no Ocidente europeu, quando a exigência de alunos confinados em internatos foi exigida, e a separação por idade, série, surgimentos de currículos e materiais didáticos apareceu. Essa escola foi uma criação burguesa e teve intuito de separar crianças de adultos, através de um lento processo. A finalidade disso era proteger suas crianças das más influências mundanas. Essa filosofia, está ligada ao modelo de educação que interessava aos burgueses. Organizada por ordens religiosas, essa escola preocupava-se mais com a evangelização e as descobertas científicas e estudos de História, Geografia ou Matemática, tinham pouca ou nenhuma importância. Essas são as linhas mais rígidas da escola tradicional.

A Revolução Industrial, que se iniciou no século XVIII, influenciou nas exigências da escola burguesa e alterou algumas exigências dessa escola. Acelerou-se o processo de democratização do ensino, com reivindicações de uma escola pública, leiga, gratuita e obrigatória. Segundo Saviani (1991. p.54):

[...] esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século passado, no momento em que, consolidado o poder burguesia, aciona-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação da ordem democrática. (apud LEÃO, 1999. P. 189)

A pretensão do ensino tradicional é transmitir conhecimentos e esses conteúdos são sistematizados. É o professor quem domina os conteúdos organizados para serem transmitidos aos alunos. Algumas características principais, regem o ensino tradicional, características essas, que nos são muito comuns até hoje, pois, esse ensino ainda é predominante no sistema educacional do mundo inteiro. Essas características foram sistematizadas num quadro, pela autora Leão, a partir do trabalho de Libâneo, que analisa as tendências pedagógicas na prática escolar (1992. p.23-4).

CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA TRADICIONAL

Papel da Escola	Conteúdos de Ensino	Métodos	Relacionamento professor-aluno	Pressupostos de Aprendizagem	Manifestações na prática escolar
<ul style="list-style-type: none"> • A atuação da escola consiste na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade; • o compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade; • o caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos desde que se esforcem. 	<ul style="list-style-type: none"> • São os conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações adultas e repassados ao aluno como verdades; • as matérias de estudo visam preparar o aluno para a vida, são determinadas pela sociedade e ordenadas na legislação; • os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais; • é criticada por ser intelectualista ou ainda enciclopédica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Baseiam-se na exposição verbal da matéria e/ou demonstração; • tanto a exposição quanto a análise da matéria são feitas pelo professor; • os passos a serem observados são os seguintes: <ul style="list-style-type: none"> * preparação * apresentação * associação * generalização * aplicação • a ênfase nos exercícios, na repetição de conceitos ou fórmulas e na memorização visa disciplinar a mente e formar hábitos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula; • o professor transmite o conteúdo na forma de verdade a ser absorvida; • a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio. 	<ul style="list-style-type: none"> • A capacidade de assimilação da criança é idêntica à do adulto, apenas menos desenvolvida; • os programas devem ser dados numa progressão lógica, sem levar em conta as características próprias de cada idade; • a aprendizagem é receptiva e mecânica utilizando-se muitas vezes a coação; • a retenção do material ensinado é garantida pela repetição de exercícios sistemáticos e recapitulação da matéria; • a transferência da aprendizagem depende do treino; é indispensável a retenção, a fim de que o aluno possa responder às situações novas de forma semelhante às respostas dadas em situações anteriores; • a avaliação se dá por verificações de curto e longo prazo: arguição, tarefa de casa, provas escritas, trabalhos de casa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Essa pedagogia, chamada pelo autor de Pedagogia Liberal Tradicional, é viva e atuante em nossas escolas; • na descrição apresentada aqui incluem-se as escolas religiosas ou leigas que adotam uma orientação clássico-humanista ou uma orientação humano-científica, sendo que esta se aproxima mais do modelo de escola predominante em nossa história educacional.

1.2 – Escola Construtivista

Leão (1999) deixa claro, logo de início, que Construtivismo não é um método ou uma técnica. Então, o que seria, afinal, o Construtivismo? Construtivismo não é, exatamente, uma metodologia, e sim uma postura em relação a aquisição do conhecimento. Segundo Becker (1993. p. 88)

[...] construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento. (apud LEÃO 1999. p. 195)

Apesar de a escola tradicional e a escola construtivista desfrutarem da mesma inspiração, as práticas pedagógicas dessas duas escolas são muito diferentes de acordo com aspectos metodológicos. No construtivismo, o professor já não é mais a autoridade que exige atitude receptiva dos alunos e impede a interação entre eles.

O mais importante em relação ao papel do professor na utilização do construtivismo é sua capacidade de aceitar que não é mais o centro do ensino e da aprendizagem. O professor deve saber que a criança e o adolescente aprendem em interação com o outro, que pode ser o próprio professor ou seus colegas de classe. Novas figuras são introduzidas nesse processo; a supremacia do professor deve dar lugar à competência para criar situações problematizadoras que provoquem o raciocínio do aluno e resultem em aprendizagem satisfatória. (LEÃO, 1999, P. 201)

CAPITULO 2 – Educação Construtivista: um caminho para a aprendizagem ativa?

2.1 A aprendizagem ativa

Voltando ao capítulo anterior, onde foi explicado que o papel do professor, no Construtivismo, é de mediação e não mais de centro do ensino e aprendizagem, onde o mesmo deverá criar situações para a interação dos alunos, as metodologias ativas entram nesse princípio de educação? Para entendermos metodologias ativas, precisamos entender que a participação do aluno na sala de aula é fundamental, porém, mais fundamental ainda, é a mudança na atuação do professor.

Segundo Maria Aparecida Felix do Amaral, coordenadora do curso de pedagogia e integrante do Núcleo de Assessoria Pedagógica do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal), o foco passa a ser o diálogo com os alunos, a sondagem de conhecimentos prévios e percepções sobre o tema em questão com incidência na problematização, contextualização e aplicação prática dos conhecimentos – é uma parceria entre professor e aluno na busca pelo conhecimento. De acordo com ela, o aluno assume o papel de ator principal, e o professor o de mediador e estimulador do processo de “ensinagem”, ou seja, do ensino com foco na aprendizagem, resultante de uma interação entre professor e aluno que engloba as ações de ensinar e aprender.

Alguns exemplos de métodos ativos, com experimentos, esclarecem a funcionalidade do método e seus resultados:

- Classe invertida

Paiva (2016) afirma que proposta da sala de aula invertida é prover aulas mais expositivas e participativas capazes de entreter os alunos de melhor maneira no conteúdo com melhor aproveitamento no tempo e conhecimento do professor. Fugindo à metodologia tradicional onde o aluno sai de um papel passivo e passa a ter mais participação nas aulas que acontecem fora das salas de aula tradicionais. Os meios podem ser diversos, entre eles vídeoaulas, textos, jogos, áudios, porém, apenas uma leitura prévia de artigos que serão estudados em sala, já são exemplos de classe invertida.

O portal Revista Educação, cita alguns exemplos de classe invertida, entre eles, o da Escola de Enfermagem da Universidade do Arizona, localizada em Tucson (EUA), que tinha um grande problema com a falta de professores de enfermagem, para

a resolução, precisavam de um sistema poderoso que trouxesse a possibilidade de converter o programa presencial de doutorado em enfermagem que já existia num sistema *online*. Então surgiu a ideia de aplicar a classe invertida, o que deu tão certo que agora a Escola tem 56 cursos de doutorado em enfermagem *online*, e contam com momentos interativos e apresentações, aproveitando melhor o tempo tanto do professor quanto do aluno com recursos e tecnologias fora de sala de aula. Por esse sistema o aluno passa a ter a responsabilidade de entender a matéria e cria a capacidade de aplicá-la em sala. O importante é que os alunos se tornem mais ativos e sejam responsáveis pela própria aprendizagem.

- Instrução pelos pares (*Peer Instruction*)

O método *Peer Instruction*, elaborado pelo professor Eric Mazur, da Universidade de Harvard, busca tirar o foco do momento da aprendizagem “da transferência de informação”, fazendo com que o aluno busque informações primárias direto da fonte (leitura) e depois no encontro presencial em aula discutida com seus colegas. Segundo o texto do Mazour Group – Harvard:

[...]A fim de resolver esses equívocos sobre a aprendizagem, desenvolvemos um método, *Peer Instruction*, que envolve os alunos em sua aprendizagem durante a aula e foca sua atenção nos conceitos subjacentes. As “palestras” são intercaladas com questões conceituais, chamados *ConceptTests*, destinadas a expor as dificuldades comuns na compreensão do material. Os alunos recebem um ou dois minutos para pensar sobre a questão e formular suas próprias respostas, pois eles, em seguida, irão passar de dois a três minutos a discutir suas respostas em grupos de 3 ou 4 alunos, tentando chegar a um consenso sobre a resposta correta. Este processo obriga os alunos a pensar por meio dos argumentos a serem desenvolvidos, e permite a eles (assim como ao instrutor) avaliar a sua compreensão dos conceitos antes mesmo de deixar a sala de aula. (apud PALHARINI, 2012.)

Palharini (2012) conclui então, que os principais ingredientes para o *Peer Instruction* são: estudo prévio do conteúdo, *feedback* entre professor e aluno, interação constante e ação do aluno. O importante é que o aluno estude algum conteúdo proposto antes ir à aula. Na aula, o professor faz uma rápida exposição e logo depois aplica questões aos alunos, e a partir dos seus erros e acertos, faz um balancamento da aprendizagem desses alunos e toma o rumo da aula de acordo com essas respostas. Geralmente os resultados são positivos, e uma boa

explicação para isso, é a interação entre os alunos e o ambiente propício para o estudo, onde o aluno, às vezes toma papel de professor na discussão do tema e compartilhamento de conhecimentos com o colega.

2.2 – Análise dos métodos ativos do livro Língua portuguesa e didática

Parte da coleção “Como bem Ensinar” o livro Língua Portuguesa e Didática, da Editora Vozes, traz novas perspectivas de aprendizado, e novas maneiras de ensinar com foco em Língua Portuguesa. No capítulo 3 do livro, “Como o cérebro humano aprende língua portuguesa”, os autores explicam as dificuldades de aprendizagem do cérebro humano e como superá-las com novas maneiras de ensinar. Vamos analisar com embasamento bibliográfico algumas problematizações de métodos de ensino, considerando a aprendizagem ativa.

- Considerar a realidade e o interesse do aluno, cuidando de saber o que este conhece quando chega a escola.

O portal Nova Escola citou David Ausubel, onde o mesmo dizia que, o que o aluno já sabe – a ideia-âncora, na sua denominação – é a ponte para a construção de um novo conhecimento por meio da reconfiguração das estruturas mentais existentes ou da elaboração de outras novas. Quando a criança reflete sobre um conteúdo novo, ele ganha significado e torna mais complexo o conhecimento prévio. Ou seja, todo aluno tem uma bagagem de conhecimentos, que são a base para novos conhecimentos. Na língua Portuguesa por exemplo, um aluno nunca vai compreender o que é Objeto Indireto, se ele não souber o que é preposição, sendo assim, o saber da preposição, seria o conhecimento prévio e a ponte para a construção da compreensão do que é Objeto Indireto.

O tópico também fala sobre considerar a realidade e o interesse do aluno, o que pode influenciar diretamente no processo de avaliação, por exemplo. Na monografia “O erro no processo de ensino aprendizagem”, a autora Renata Pasinotto afirma que, tornar a avaliação uma prática mais próxima à realidade e ao contexto social em que o aluno está inserido, possibilitando, assim, criar uma visão crítica através da discussão em torno dela, é um desafio para o educador hoje. Os processos avaliativos geralmente servem para comparar desempenhos, classificar, excluir, em vez de servir como acompanhamento do crescimento e do desempenho de cada aluno e verificar as possibilidades de melhora.

Concluímos então que a relevância do contexto em que aluno está inserido, assim como seu conhecimento prévio, são de importante relevância para que o professor o conheça e o avalie de forma coerente.

- A certeza de que todo ensino deve estar centrado na pessoa do aluno e que o uso da linguagem é ponto de partida e de chegada da maneira como seu cérebro aprende a língua.

Deixando um pouco de lado a questão de aprendizagem da língua e focando mais na certeza de que todo ensino deve estar centrado na pessoa do aluno, o artigo “Ambiente Virtual Centrado No Aluno” cita Burphy (2006), ele afirma que o sistema tradicional no qual o aluno é orientado à passividade, cumprimento de regras rígidas, enfraquece os efeitos potenciais de um sistema de ensino projetado para enfatizar a aprendizagem ativa, pensamento de ordem superior e a construção social do conhecimento. Esses são os objetivos de um ensino centrado no aluno, desenvolver a criatividade e o senso crítico no aluno, despertar o interesse pelo conhecimento pelo aprender fazendo, essas são algumas das bases do construtivismo.

O foco do ensino é, e sempre será no aluno. Mesmo que o professor crie um método de ensino muito bem desenvolvido e pensado, se o aluno ainda assim não compreender a matéria e o que está sendo falado ali na frente, esse método falhou.

- Uma resignificação da noção de erro e na maneira de o aluno pensar e produzir.

Desde pequenos somos acostumados a ganharmos notas pelos acertos ou perde-las pelos erros, com isso, o medo de errar cresce infiltrado na gente. Com o sistema de provas, notas, competições e avaliações baseadas em erros e acertos, o erro deixou de ter papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Segundo LUCKESI (1998):

[...] à partir do erro na prática escolar, desenvolve-se e reforça-se no educando uma compreensão culposa da vida, pois, além de heterocastigado, muitas vezes ele sofre ainda a autopunição. Ao ser reiteradamente lembrado da culpa, o educando não apenas sofre os castigos impostos de fora, mas também aprende mecanismos de autopunição, por supostos erros que atribui a si mesmo. Nem sempre a escola é a responsável por todo o processo culposos que cada um de nós carrega, mas ela reforça (e muito) esse processo. Quando um jovem não vai bem numa aprendizagem e diz: "Poxa, isso só acontece comigo!", que é que está expressando senão um juízo culposos e autopunitivo? (apud Renata Pasinotto, 2008. p. 17)

É importante que o professor dê atenção ao erro cometido pelo aluno, e não faça daquele erro um motivo de punição, afinal, não é errando que se aprende? Não seria o erro, uma porta de entrada para a reflexão? Veremos isso no próximo capítulo.

2.3 Papel do erro e métodos de avaliação

O erro como indício de fracasso é a primeira coisa que deve ser repensada sobre o assunto. Nem sempre o erro indica que o aluno não aprendeu ou fracassou. Muitas coisas nos levam ao erro. Falta de atenção, dificuldade de compreensão da matéria, e até mesmo o nervosismo. Punir o aluno pelos seus erros, faz com que ele tenha mais medo ainda de errar, o que resulta em sérios problemas quanto às avaliações escolares, porque o aluno acaba se cobrando demasiadamente.

O erro também deve ser repensado pelo professor como um ótimo instrumento de conhecimento do seu aluno, afinal, é a partir dele que tomamos nota das dificuldades de aprendizado desse aluno, sua capacidade de criar (numa interpretação de texto, por exemplo, vemos respostas geniais que muitas vezes não condizem com a “correta”, porém, foi a leitura que o aluno fez) e sua construção de ideias. Além disso, o erro do aluno também influencia na autoavaliação do professor enquanto mediador, e do método de ensino que ele está aplicando, afinal, quando toda a turma erra, talvez o erro não tenha sido coletivo, e sim apenas do professor. O quadro de avaliação da Professora Verinez Carlota Caldeira, mestre em Educação pela UnB, foi concedido pela própria professora e é um exemplo que mostra a importância da autoavaliação do docente, que é tão importante quanto a avaliação do aluno.

QUESTÃO / ALUNO	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	TOTAL
JOSÉ VINICIUS			X	X		X					03
JULIANA RIOS			X	X	X	X	X	X			06
JULIANA SOUSA					X	X					02
JULIETY											00
KAMILLA						X	X	X			03
KARINE DA						X					01

SILVA											
KELY MARTINS				X	X	X	X				04
LEONARDO			X					X			02
LUCAS MATHEUS				X	X	X					03
MARIA ECÍLIA						X					01
MILENA SOBRINHO											00
MIRIAM MONTEIRO				X		X					02
PATRICIA DE OLIVEIRA	X							X			02
SHISLAINE			X		X		X	X			04
TAMIRES DE CARVALHO			X			X		X			03
THAIS CARVALHO			X			X	X	X			04
TOTAL	03	01	12	13	10	14	10	15	00	00	

A professora marca no quadro as questões que cada aluno errou, e, no final, faz um balanceamento de quais itens foram mais errados pela turma e assim, faz a correção coletiva em sala de aula, dando a oportunidade de esses alunos falarem quais as suas dificuldades nessa questão. Segundo ela, muitos tiveram dificuldade de interpretação, por exemplo. E assim, ela constatou que o problema não estava na aprendizagem dos alunos, na falta de estudos ou atenção, e sim na própria questão que foi mal formulada. Sendo assim, o erro foi da professora e não dos alunos. Com isso, fica claro que, o erro é uma fonte de virtude, onde todos podem acabar aprendendo com ele.

Os métodos de avaliação estão diretamente ligados ao papel do erro. A avaliação é um processo sistemático que determina a extensão em que os objetivos educacionais foram alcançados pelos alunos. Um ponto falho dos educadores é desconsiderar a aprendizagem do aluno e sua linha de raciocínio dentro desses objetivos educacionais. Por exemplo, o professor elabora a prova e com ela, o gabarito. Na hora da correção, as respostas do aluno devem estar

exatamente iguais as do gabarito elaborado pelo professor. Mesmo que o aluno tenha uma resposta que siga a linha de raciocínio condizente com a questão e que demonstre o seu aprendizado, se a resposta não estiver de acordo com a do professor, ele não atinge a nota dada à questão. Fatos como esse, comprovam que, a avaliação, em muitos casos nada mais é, que algo somativo, que foge ao formativo, afinal, se o intuito da avaliação é evoluir e analisar o aprendizado, por que não considerar uma resposta que sem dúvidas estaria correta?

Definindo a avaliação formativa, Cristina cita Ribeiro e diz que essa avaliação pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução. Ou seja, nada define mais uma avaliação formativa do que o papel do erro como instrumento de aprendizagem e não de reprovação. Ágata diz ainda, que já a avaliação somativa não é mais do que um balanço final de toda a atividade desenvolvida ao longo de todo o processo de ensino. Ou seja, a avaliação somativa, é usada apenas no fim do processo, depois de todo um trabalho dentro da formativa. A problemática é que, a maioria do sistema está englobada dentro das avaliações somativas, excluindo o importante papel que o erro tem, e dando um peso a ele a partir de uma nota.

2.4 – Formação do professor e seu autoconhecimento

A primeira coisa que deve ser compreendida na formação de um professor, é que essa formação não pode separar o eu pessoal do eu profissional, pois é uma profissão cheia de afetividade, ideias e valores que se misturam com o eu pessoal. Novoa (1992), definiu o processo de formação em três partes:

- a) produzir a vida do professor (desenvolvimento pessoal): implica valorizar, como conteúdo de sua formação, seu trabalho crítico-reflexivo sobre as práticas que realiza e sobre as suas experiências compartilhadas. Nesse sentido, entende que a teoria fornece pistas e chaves de leitura, mas isso não significa ficar ao nível do saber individual. A formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica, isto é, domínio de determinada área do conhecimento, domínio na área pedagógica e o exercício da dimensão política;
- b) produzir a profissão docente (desenvolvimento profissional): significa instituí-la de saberes específicos que não são únicos, no sentido de que não compõem um corpo acabado de conhecimentos, pois os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais, mas comportam situações problemáticas que requerem decisões num âmbito de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores. Nesse

sentido, a formação dos professores envolve um duplo processo: o de autoformação, a partir da reelaboração constante dos saberes que realizam em sua prática, confrontando suas experiências nas instituições escolares em que atuam;

c) produzir a escola (desenvolvimento organizacional): significa que as instituições de educação devem ser entendidas como espaço de trabalho e formação, o que implica gestão democrática e práticas curriculares participativas, propiciando a constituição de redes de formação contínua, cujo primeiro nível é a formação inicial. (apud SLOMSKI, 2008. p. 12)

É importante que o professor se reconheça e se avalie como mediador. A partir desses três processos, propõe-se a formação do professor reflexivo, proposta que trata da maneira como os professores lidam com situações que não se resolvem por meios técnicos. Situações incertas, instáveis, singulares e nas quais há conflito de valor. (SCHON, 1987). O autoconhecimento é indispensável para o educador. O mesmo, deve se perguntar sempre sobre seus métodos de ensino, de avaliação, sua postura em sala de aula e como os alunos estão compreendendo o seu conteúdo. Quando o aluno tira nota baixa na prova e diz para os pais que todo mundo tirou nota baixa também, é mais comum que os pais respondam “você não é todo mundo” do que questionem a elaboração daquela prova. O professor, em sua maioria, sai isento no que diz respeito ao conteúdo. Talvez, se toda a turma tenha tirado nota baixa ou errado alguma questão em demasia, a culpa de fato não seja do aluno, e sim do professor. Se voltarmos algumas páginas desse trabalho, veremos um exemplo disso no método de avaliação da professora Verinez, onde a maioria da turma errou uma questão, e essa, de fato, estava com problema na elaboração. Ou seja, os alunos tiveram dificuldade em interpretar a questão, o que não confirma a aprendizagem do aluno ou seu tempo de estudo dedicado àquela prova.

Concluimos assim, que o antigo “você não é todo mundo” pode ser falho como argumento, já que, se uma turma inteira não vai bem numa prova, o professor deve repensar seus métodos de ensino ou a elaboração dessa prova.

Nada é mais relevante que a didática de um professor para que suas aulas funcionem. Apesar de o senso comum acreditar que o aluno só aprende quando o professor ensina, na verdade, o professor só ensina quando o aluno aprende, o ensino jamais deve ser mais importante que a aprendizagem. Afinal, se o foco do ensino é fazer aprender, se não houve aprendizagem é porque não houve ensino, escola é lugar de aprender e não de ensinar. Muitos

pais e professores atribuem os fracassos escolares de seus alunos e filhos aos problemas de aprendizagem, sem pensar na possibilidade desses problemas serem, na verdade, de ensinagem.

Para ser um bom professor, nada mais relevante que a didática, com a premissa de que no ambiente da sala de aula são intensas e constantes as mudanças, o que requer reciclagem continuada. Destarte, a simbiose entre a paixão pelo ensino e a vontade de investir na própria formação demonstram quem realmente quer ser um bom didata. O professor deve ser um eterno aprendiz, mantendo-se atualizado nos avanços da sua matéria e das novas práticas e tecnologias educacionais. Aula que tem de ser dada merece ser bem dada e, para tanto, bem preparada. É um ganha-ganha, pois agrega valores ao aluno e ao professor. (VENTURI, 2013)

CAPÍTULO 3 – Metodologia do ensino da língua portuguesa: quanto mais eu aprendo menos eu sei! Um estudo sobre a dificuldade da percepção da língua nas aulas de português

3.1 As dificuldades do ensino da língua portuguesa na escola

Selbach (2010) retrata que talvez a maior dificuldade do ensino da língua portuguesa na escola. O capítulo começa questionando a maior dificuldade do ensino da nossa língua materna, e concluindo que são tantos e tão incisivos que seria impossível ter uma definição exata dessa problematização. Porém, há um problema para o qual se busca uma solução, mas que ainda não se sabe se é exatamente “o maior”.

O autor afirma ainda que todo aluno já tem uma bagagem de informações, porém pouco sistematizadas. Por exemplo, toda criança tem senso numérico, senso de espaço ou sabe alguma coisa científica, e mesmo que elas saibam, elas jamais associarão esses sentidos a matemática, geografia ou ciências, sendo assim, elas aprenderão todas essas matérias, de fato, na escola. Com a Língua Portuguesa isso não ocorre. Afinal somos treinados desde bebês a falar a nossa língua, o que cria um senso de que não se aprende português na escola, pois todos têm consciência de suas habilidades linguísticas desde cedo.

Sob certos aspectos, o aluno que aprende matemática, geografia, história, ciências ou ainda outro agrupamento conceitual sente que está como quem aprendendo a andar de bicicleta e, assim, firmará seu progresso em cada manifestação onde esse saber se expõe. A Língua Portuguesa, desde o berço praticada e frequente para o aluno antes de chegar à escola e antes da aula começar, é vista mais ou menos como um complemento de um aperfeiçoamento que o melhora, mas não o inova. (SELBACH, 2010. p. 43)

Com a consciência de que já sabem língua portuguesa, o aluno dá menos valor às aulas de português, porque aquilo não é uma novidade para ele, não é algo que instiga, desperta interesse, então, cabe ao professor de português superar esse problema e ser apaixonado pelo que ensina, para que transforme sua aula em algo interessante, que mostre aos seus alunos que irão alcançar sabedoria e que os tornarão mais ricos e libertos, para criar e expressar seus pensamentos e opiniões através da língua.

3.2 Aplicação de metodologias ativas no ensino da Língua Portuguesa

Existem filtros no nosso cérebro, que são conhecidos como RAD (sistema radicular, amígdala e dopamina) e para que um ensino eficiente aconteça, precisamos “seduzir” esses filtros, que servem para discriminar e colocar a nossa atenção no que realmente importa. O livro Língua Portuguesa e Didática, explica que, para seduzir o primeiro filtro “R” é necessário que se apresente uma novidade, algo, no mínimo, interessante, ou seja, tudo que é chato ou repetitivo, é imediatamente bloqueado nesse primeiro filtro. O segundo filtro “A” responsável pelo emocional, é seduzido pelas coisas agradáveis e emocionante, se o que está sendo ensinado, não causar algum tipo de bem estar, esse segundo filtro trata de bloqueá-la. Passando pelo primeiro e segundo filtro, e chegando ao filtro “D”, a informação banha-se de Dopamina, que é responsável pelo prazer e é assim assimilada. Sendo assim, o primeiro passo para a aprendizagem é captar a atenção do sistema radicular, ou seja, cabe ao professor tornar os conteúdos interessantes, novos, surpreendentes e desafiadores.

No livro os autores colocam algumas sugestões de superar alguns bloqueios de aprendizagem da língua portuguesa:

- Acabar com a imposição de textos onde o aluno não percebe significação
- Diminuir a valorização da gramática normativa e a insistência do uso de regras.
- Acabar com a prática de exercícios repetitivos e mecânicos sobre frases soltas,
- Esquecer a imposição de uma teoria gramatical inconsistente.
- Uma aceitação de variedades e diversidades linguísticas próprias dos alunos.
- A valorização das hipóteses linguísticas pensadas e elaboradas pelos próprios alunos.
- Enfatizar leitura, escuta e compreensão do aluno.
- Necessidade de um aluno protagonista e interlocutor e não mais um espectador e ouvinte.
- Um aluno que pensa no que ouve e fala, e não um aluno que decora e repete.

A verdadeira e transformadora aprendizagem é processo que começa com confronto entre a realidade do que o aluno sabe e hipóteses que constrói com algo novo que descobre, ou mesmo uma nova maneira de se encarar a realidade.

Selbach (2010) dá alguns exemplos de aprendizagem ativa na língua portuguesa, como a aprendizagem da língua através de situações-problema.

É uma atividade estimulante em função do confronto entre as representações dos alunos e um conjunto de dispositivos didáticos que implica a reelaboração destas representações, potencializada pela imposição de um interessante conflito cognitivo. (SELBACH, 2010. p. 58)

Essas aulas, através das situações-problema, têm a intenção de provocar uma aprendizagem significativa. A autora organiza o método em partes:

O professor apresenta uma solução-problema específica a sua disciplina:
Qual finalidade?

Confrontar os alunos com materiais e instruções através:

- De um debate entre eles sobre o modo como compreendem o desafio e orientam sua ação
- Da gestão adequada dos recursos disponibilizados e das instruções propostas, com desafios crescentes. (SELBACH, 2010. p. 59)

Essa primeira parte me lembra as aulas de Laboratório de Gramática, onde a professora, algumas vezes, lançava no quadro alguma palavra que não existia, mas parecia um verbo e pedia para a gente conjugar. Por exemplo, a palavra era “gepatiar”, e nós conseguíamos, mesmo sem saber se a palavra existia ou não, conjuga-la em qualquer tempo verbal “eu gepateio, tu gepateias, ele gepateia”. O que mostra que a noção de verbo e suas conjugações já está entranhada em nossas mentes, mesmo que esse verbo não exista. Isso tem a ver com a proposta da segunda parte do método de Selbach:

Os alunos devem ser levados a:

- Encontrar respostas;
- Saber comunica-las;
- Usar a solução no ambiente. (SELBACH, 2010. p. 59)

Ao se deparar com um problema, ou uma situação de conflito, o aluno se desafia a resolver aquele problema, encontrando respostas o mais rápido possível. Quando minha

professora escreveu uma palavra inexistente no quadro, a primeira reação da sala foi de descobrir o significado daquela palavra, e em seguida, a classe gramatical que essa palavra pertencia. Quando o aluno é desafiado a resolver algum problema, a aula se torna mais interessante, e ele é instigado a se envolver nessa aula até que a situação seja resolvida.

Na terceira parte do método, Selbach dá ao professor, a função de:

- Identificar aquilo que os alunos sabem, ou não, fazer, e assim definir os objetivos e, posteriormente, configurar tarefas que possam realizar e os obstáculos que possam transpor.
- Adiar a cobrança pela resposta ao perceber que os alunos estão estimulados a ação da pesquisa.
- A formalização da situação-problema implica a definição do conjunto de instrumentos (textos, dicionários, etc.) que os alunos deverão utilizar e a elaboração de instruções que deverão orientar a atividade dos alunos. (SELBACH, 2010. p. 60)

Muitas vezes, a resolução de problemas é associada à matemática, porém, a Língua Portuguesa sugere a possibilidade de uma infinidade de situações-problema. Por exemplo, nossa língua, em sua ordem direta, tem a estrutura de sujeito-verbo-objeto, como em “João comeu a bala”, se alteramos essa frase para a ordem inversa, como em “comeu João bala a” já criamos uma situação a ser pensada, onde em um número limitado de regras, geramos um número ilimitado de sequências que podem ser compreendidas mesmo não estando na ordem direta.

Uma das coisas mais relevantes para o ensino da Língua Portuguesa, é levar em consideração o conhecimento prévio do aluno. Selbach afirma que é importante levar em conta as experiências pedagógicas vividas por esses alunos nas séries anteriores.

Tiveram aula de Língua Portuguesa? Foram plenamente alfabetizados? Essas aulas foram ministradas por professores bem preparados? Como esse professor encarava o ensino da disciplina? Submetia esses alunos a experiências? Relacionava o que ensinava à vida dos alunos? Exercitava sua curiosidade linguística? Sugeria pesquisas? Promovia trabalhos em grupo? Mostrava a Língua Portuguesa nas manchetes dos jornais, nas notícias da televisão, em entrevistas com ídolos da música ou do esporte? (SELBACH, 2010. p. 69)

Para ensinar qualquer matéria, é importante que o professor tenha consciência de qual o nível de conhecimento do seu aluno, para que não pule etapas e não deixe o aluno perdido em relação ao conteúdo. Sempre digo aos meus alunos mais novos para prestarem atenção até ao que parece irrelevante nas aulas de português, como os artigos por exemplo. São poucos e

fáceis de decorar, então muitos alunos não dão importância à eles, e lá na frente, confunde “a” preposição, com “a” artigo, já que não aprenderam a real função de um artigo. Ou seja, para que o professor possa ensinar o “a” como preposição, ele deve saber, antes de tudo, se o aluno já assimilou o “a” como artigo.

Outra coisa que o professor muitas vezes não observa, é a realidade do seu aluno. Por exemplo, o professor está trabalhando intertextualidade, e coloca no exercício um político com nariz grande. Na verdade, ele introduziu a história do Pinóquio, para dizer que o político era mentiroso, porém o aluno nunca tinha assistido ao filme do Pinóquio, e não tinha a mínima possibilidade dele enxergar uma intertextualidade dentro daquele exercício. Mesmo que o Pinóquio e sua história, o nariz que cresce com a mentira, já fazem parte da gente, até mesmo culturalmente, o professor deve considerar a possibilidade do aluno nunca ter assistido e nem ouvido falar nesse filme.

O professor também deve sempre considerar a escrita do seu aluno e associá-la à alfabetização desse aluno. Selbach propõe uma atividade na qual dá o nome de “Oficina para a capacidade de escrever corretamente” onde destaca os erros e acertos de ortografia e além disso fornece ao professor subsídios para que conheça melhor sua turma e suas dificuldades ortográficas na criação de textos orais e escritos. A proposta é dividida em 7 partes:

- 1) A classe é dividida em grupos de quatro a cinco alunos
- 2) O professor recorda, de maneira objetiva e através de uso de sentenças, alguns princípios básicos sobre ortografia.
- 3) Sugere que os alunos, individualmente, construam uma ou duas sentenças e as apresente ao grupo para um debate e eleição das que são consideradas corretas. Cada grupo deve dispor de duas a três sentenças com essas características.
- 4) Cada grupo apresenta duas sentenças que são escritas na lousa. Os alunos devem em seus grupos discutir as questões apresentadas pelos outros grupos, apontando erros e acertos ortográficos. A posição do professor é de neutralidade, registra sentenças, mas não apresenta juízo crítico sobre elas.
- 5) A tarefa seguinte de cada grupo é a de apresentar oralmente as questões que inicialmente consideraram com erros e que foram excluídas da apresentação e comentar que correções fariam para torná-las ortograficamente corretas.
- 6) A oficina termina com o professor mostrando aos alunos erros e acertos, buscando reverter todas as situações de disortografia identificada. Solicita que os alunos refaçam, agora individualmente, todas as questões

levantadas pelos grupos, escrevendo-as corretamente e destacando os principais erros encontrados.

- 7) O professor apresenta um comentário, encerrando a atividade e propondo aos alunos que experimentem utilizar as sentenças corretas em temas que comentem suas atividades diárias. (SELBACH, 2010. p. 80-81)

No livro *Aula de Português encontro e interação*, Antunes dá algumas sugestões de reorientar uma aula de português, mudando o foco daquilo que constitui o núcleo do estudo da língua. O que significa dizer que a escola não deve ter outra pretensão senão chegar aos usos sociais da língua, na forma em que ela acontece no dia-a-dia da vida das pessoas. (ANTUNES, 2003)

Nas aulas de Língua Portuguesa, é muito comum que os professores trabalhem a gramática a partir de textos prontos. Se ele está ensinando advérbios, por exemplo, ele pede para que o aluno encontre advérbios nesse texto e classifique-os de acordo com suas nomenclaturas gramaticais. O texto serve, portanto, apenas para ilustrar uma noção gramatical e não chega assim a ser o objeto de estudo. (ANTUNES, 2003)

O aluno atenta-se somente aos termos que deve encontrar no texto, esquecendo-se de interpretar, analisar e compreender o texto, que é o objeto de estudo.

Em geral, o que se deve pretender com uma programação de estudo do Português, não importa o período em que acontece, é ampliar a competência do aluno para o exercício cada vez mais pleno, mais fluente e interessante da fala e da escrita, incluindo, evidentemente, a escuta e a leitura. Em função desse objetivo é que se vai definir o conteúdo pragmático em torno do qual professor e aluno realizam sua atividade de ensino e aprendizagem. (ANTUNES, 2003. p. 110-111)

A autora sugere então que os alunos desenvolvam o domínio de falar, ouvir, ler e escrever textos em língua portuguesa.

Para o desenvolvimento das habilidades de falar e ouvir, os alunos, com a intervenção do professor, poderiam:

- Contar histórias, inventando-as ou reproduzindo-as;
- Relatar acontecimentos;
- Debater, discutir, acerca dos temas mais variados;
- Argumentar (concordando e refutando);
- Emitir opiniões;

- Justificar ou defender opções tomadas;
- Criticar pontos de vista de outros;
- Colher e dar informações;
- Fazer e dar entrevistas;
- Dar depoimentos;
- Apresentar resumos;
- Expor programações;
- Dar avisos;
- Fazer convites;
- Apresentar pessoas etc.

Essas atividades devem contemplar o uso da linguagem formal, porém fazem com que os alunos percebam as diferenças da fala formal e informal, constatando a variação da língua de acordo com cada situação comunicativa.

Além do desenvolvimento da habilidade de falar e ouvir, o aluno também deve desenvolver a habilidade da escrita, para isso, Antunes sugere que o professor providencie oportunidades para os alunos produzirem:

- Listas (de materiais, de livros, de assuntos estudados, de eventos realizados etc);
- Pequenas informações aos pais e a outras pessoas da comunidade escolar;
- Programações de atividades curriculares e extracurriculares;
- Convites;
- Avisos;
- Cartas;
- Pequenas narrativas;
- Conclusões de debates;
- Informações sobre a cidade, o bairro, a escola, lugares visitados, eventos;
- Cartazes;

- Instruções diversas;
- Projetos de pesquisa;
- Resultados de consultas bibliográficas;
- Relatórios de experiências ou de atividades realizadas;
- Solicitações, requerimentos;
- Saudações;
- Atas;
- Poemas;
- Mensagens eletrônicas;
- E outros textos em uso no momento. (ANTUNES, 2003. p. 113-115)

Os diferentes gêneros textuais devem ser escolhidos de forma gradativa, de acordo com o desenvolvimento dos alunos. O importante é que o aluno abandone a escrita vazia, de frases e palavras soltas que não dizem nada. A única linguagem que faz sentido, para qualquer pessoa, é aquela que expressa o que queremos dizer, por algum motivo, de nós, dos outros, das coisas, do mundo. (ANTUNES, 2003)

Um texto bem escrito é aquele que a gente consegue entender. Para ser um bom escritor, é importante que você consiga transmitir a mensagem desejada. Existem vários textos e artigos muito difíceis de compreender. Quando um aluno não consegue entender um texto, atribuímos a algum problema de interpretação, mas nunca ao autor do texto. Não que o autor escreva mal, mas, talvez, escreva apenas para ele e não para o mundo.

O aluno deve ser levado a, primeiramente, planejar o que vai escrever, e após a escrita, revisar o que foi feito.

Para orientar essa revisão, o aluno iria sendo levado a compreender que um bom texto não é apenas um texto correto, mas um texto bem encadeado, bem ordenado, claro, interessante e adequado aos seus objetivos e aos seus leitores. (ANTUNES, 2003. p. 116)

Antunes (2003) diz ainda que o desenvolvimento da habilidade de leitura pode envolver todos esses textos produzidos pelos alunos, além de:

- Histórias, com ou sem gravuras e em quadrinhos;
- Fábulas;

- Contos;
- Crônicas;
- Editoriais;
- Comentários ou artigos de opinião;
- Notícias de jornal;
- Poemas;
- Avisos;
- Folhetos;
- Cartazes;
- Adivinhas;
- Anedotas;
- Provérbios populares;
- Charadas;
- Mapas, tabelas e gráficos;
- Anúncios e mensagens publicitárias (ricos no uso de metáforas, metonímias, homonímias, polissemias etc., pelo que se prestam a análises muito interessantes);
- Instruções;
- Esquemas;
- Resumos;
- Lições de outras disciplinas etc.

Outra forma de aprendizagem ativa, é seguindo a teoria de que “é ensinando que se aprende”. O professor Mali, desenvolveu um projeto onde o aluno se tornava professor por um dia, assim, os alunos do 8º ano ensinaram a turma do 3º ano do ensino fundamental a como escrever seu tipo favorito de poesia, e afirmou que esse trabalho funcionou melhor que todos os outros que ele já havia feito com a turma do 8º ano.

Quando tive a ideia desse projeto, não lembro se já conhecia as pesquisas que sugerem que a melhor forma de aprender algo é ensiná-lo a outra pessoa imediatamente. [...] Mas eu já sabia que isso dava certo. O ato de ensinar algo a outra pessoa reforça mais aquele conteúdo no seu cérebro do que qualquer outro método. Ao saber que teriam que ensinar aquela matéria na quinta-feira, meus alunos do 8º ano prestaram muito mais atenção na aula no início da semana. (MALI, 2012. p. 54-55)

Essa inversão de papéis dentro da sala de aula, onde o aluno vira o professor, me lembra de todas as vezes que pedi para meus alunos me explicarem a matéria, escrevendo no quadro e dando uma verdadeira aula, sem contar que ficam mais atentos às explicações para que não façam feio como professores. A melhor forma de aprender, é ensinando. Um bom exemplo disso é que todo professor fica melhor em conteúdo conforme os anos vão passando, pois quanto mais ele ensina, mais ele aprende e quanto mais ele aprende, mais ele pode ensinar.

CAPÍTULO 4 – O trabalho através do meu olhar

A curiosidade sobre métodos de ensino que têm o aluno como protagonista me fez procurar livros e trabalhos para que eu me aprofundasse sobre o assunto. Apesar de ainda não ser formada no curso de Letras – Português, dou aulas de reforço há mais ou menos 3 anos, o que me dá experiência sobre alunos, livros didáticos e um pouco de sala de aula. Uma das coisas que percebi e que não deve ser descartada das prioridades do professor, é que além do método, ensinar envolve um pouco de jogo de cintura e afetividade com o aluno. O professor que conquista a confiança e o afeto do aluno, tem mais facilidade de ensinar sua matéria. Outra coisa que o afeto entre o aluno e o professor mostra, é que o aluno associa a matéria ao educador. Ou seja, para os alunos, não existe matéria chata ou matéria legal, e sim professor chato e professor legal. Engana-se quem pensa que o professor pode ter a postura que achar necessária, considerando apenas a sua bagagem intelectual. É importante repensar na sua postura como pessoa dentro de sala de aula. Na minha opinião, para ser um bom professor, é preciso saber muito além de metodologias e conteúdos. É preciso, antes de tudo, amar o que você faz. E o que isso tudo tem a ver com minha pesquisa? É simples. Não adianta apenas saber o método, tem que saber aplicar. E para saber aplicar, tem que saber amar.

Um dos grandes problemas da educação é que muita gente não gosta de dar aula e ainda assim se candidata a ser professor. Muitos que não estudaram sobre educação, não suportam sala de aula, não sabem lidar com alunos, se aventuram na ideia de ser professor. Um médico não pode ser médico se não estudar medicina, mas um professor pode ser

professor mesmo não estudando a área da educação. Assim como nos concursos públicos para a Secretaria de Educação. Vemos poucos professores e muitos concurseiros. Isso é uma coisa que eu sempre questiono e que não pode ser uma questão irrelevante dentro da nossa área. Quando fiz estágio obrigatório numa escola pública, lidei com um professora de português que só estava lá porque tinha passado no concurso. Foi o que ela me disse quando questionei o porquê dela não fazer a correção da atividade de orações coordenadas e subordinadas que havia passado para os alunos. Como professora de Língua Portuguesa, eu sei da importância de corrigir, juntamente com os alunos, atividades sobre orações subordinadas, por exemplo.

Outra coisa que me chama a atenção é o fato de muitos professores não levarem em consideração o papel do erro. É comum que muitos alunos tenham medo de errar, medo de tirar nota baixa e medo de reprovar. Pois o erro não é visto como fonte de virtude, como um processo de avaliação do professor para analisar o aprendizado do aluno. Ele é visto como um criador de competições, onde cada vez que você o comete, a sua nota abaixa. Várias vezes estudei por dias e horas com meus alunos para a prova de Português, eles iam muito bem nos estudos, mas quando chegava a nota da prova, se frustravam, porque não conseguiram alcançar o tão sonhado dez. O que mais me questiono é sobre a função que uma nota dez tem na vida de um aluno. Talvez seja cobrança dos pais, briga de egos ou pressão da escola. Alguns alunos claramente aprenderam a matéria e ainda assim não conseguem fazer uma prova com excelência. É fato que alguns alunos não conseguem fazer a prova por nervosismo e algumas vezes por falta de atenção.

Certa vez estudei com um aluno por mais ou menos três dias. Não havia nada que ele não soubesse sobre a matéria. Eu tinha plena certeza que ele iria bem na prova. Foi quando chegou a tal prova para eu olhar e analisar o porquê dele tirar 6,4 e não 9 ou 10. Primeiro eu fiquei um pouco surpresa, depois analisei algumas coisas e percebi que, apesar da nota não tão alta, ele tinha ido bem. A questão pedia para que ele transformasse duas orações isoladas em um período composto por coordenação e depois indicasse a relação estabelecida entre elas. Ou seja, se era uma oração coordenada sindética adversativa, tinha relação de adversidade. Acontece que ele em vez de dizer que a oração tinha relação de adversidade, ele classificou todas as orações. Classificou corretamente. O que, ao meu ver, está correto, partindo do pressuposto que nós professores usamos a avaliação para analisar o aprendizado do aluno, nada mais claro nessa prova do que o fato de que ele realmente aprendeu. Aprendeu até demais, pois fez mais do que a professora pediu. Ele se sentiu burro por não ter acertado uma

questão que, na cabeça dele, estava fácil demais. Não porque a questão era de fato fácil, e sim porque ele simplesmente sabia. Tentei deixar claro que ele tinha ido bem. Mas quando um aluno tira nota baixa, seu único pensamento é que ele é burro e podia ter sido melhor. E não há nada que o faça pensar diferente.

Questão D1

Valor: 1,0

A seguir, há duas frases isoladas. Estabeleça entre elas uma relação de coordenação e indique o tipo de relação estabelecida. Empregue um exemplo para cada classificação das orações coordenadas.

a) Um filho mais quieto nem sempre está deprimido. Apresenta perigo.

Relacionando:

Um filho mais quieto nem sempre está deprimido, porém apresenta perigo

Tipo de relação: ~~Adversativa~~ Oração Coordenada Simétrica ~~Adversativa~~

b) A turma toda se mostrou pasma. A história do garoto era chocante.

Relacionando:

A turma toda se mostrou pasma porque a história do garoto era chocante

Tipo de relação: ~~Explicativa~~ Oração Coordenada Simétrica Explicativa

c) Minha irmã corre ao meu encontro. Beija meu rosto.

Relacionando:

Minha irmã corre ao meu encontro, ^{Ora} beija meu rosto

Tipo de relação: Oração Coordenada Simétrica ~~Aditiva~~ Alternativa

d) A turma rejeitou o colega. Não conhecia a história dele.

Relacionando:

A turma rejeitou o colega porque não conhecia a história dele

Tipo de relação: Oração Coordenada Simétrica Explicativa

e) O aluno contou sua história de vida. Os colegas sentiram-se comovidos.

Relacionando:

O aluno contou sua história de vida, por isso os colegas sentiram-se comovidos

Tipo de relação: Oração Coordenada Simétrica Conclusiva

Questão D2

Valor: 1,0

Os períodos a seguir são classificados como compostos por subordinação. Transforme-os em período simples, mantendo o sentido inicial.

a) "Nunca notou que seu filho sofria com zombarias ou deboches."

Nunca notou o sofrimento de seu filho com zombarias ou deboches

b) "Ninguém pode evitar que um filho tropece na calçada."

Ninguém pode evitar o tropeço de um filho na calçada

Depois de olhar essa prova, e tentar entender quais critérios foram usados para a correção, constatei que, a importância de uma nota é maior que a importância do ensino em si. Era claro que ele sabia. Está aí. E se o critério usado fosse realmente o de atestar o aprendizado do aluno, ele teria gabaritado essa questão. Eu entendo o que a professora pediu, e entendo o fato dela não dar uma nota maior na prova, mas ao mesmo tempo me pergunto o tempo todo, onde os professores querem chegar quando mostram aos seus alunos que eles devem ter medo de fazer prova, e temer a nota que ganharão. Onde uma escola quer chegar quando seu maior marketing é ser a escola que mais aprova, e deixar a educação de lado para transformar seus alunos em máquinas que sabem fazer uma boa prova. Como eu já disse nesse trabalho, educação não é mercadoria.

E se eu puder continuar dizendo aos meus alunos que eles não se resumem a uma nota dez, eu vou continuar. Não importa a nota que eles chegam para me mostrar. Eu sempre os parablenizo. Porque é a partir daqueles erros que podemos trabalhar com o aluno. Parablenizo porque ali eu vejo que ele é capaz. E sempre faço questão de deixar claro que eles não se resumem a uma prova. Educar é mais que isso. Educar é uma junção de amor, dedicação e boas metodologias de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas atuais ainda fazem parte de uma escola tradicional, mesmo com novas metodologias de ensino, podemos constatar que o ensino atual é uma escola tradicional com alguns traços de metodologias ativas. Não podemos deixar de lado o fato de que o aluno ganhou muito espaço na sala de aula quando lhe foi dado o direito de discutir alguns conteúdos dentro de sala e apresentar trabalhos e seminários. Porém, ainda é comum vermos o professor como único transmissor do conhecimento e alunos mais passivos do que ativos.

Nas universidades, a aprendizagem ativa é mais usada do que no Ensino Básico, na maioria das vezes, ela funciona. Pois os alunos trazem uma bagagem de leitura e maior responsabilidade com os conteúdos aplicados, o que é necessário para que a participação do aluno seja efetivada em sala de aula. Mas isso não quer dizer que na Educação Básica a aprendizagem ativa não possa ser aplicada. No capítulo 3 desse trabalho, vimos várias maneiras de aplicar o ensino da Língua Portuguesa dentro das metodologias ativas. Um dos métodos mais eficazes, para mim, é o de ensinar para aprender. Quando um professor coloca o aluno para ensinar, ele se interessa muito mais pela matéria porque tem o compromisso de aplicá-la depois. Posso dizer que hoje, sei muito mais do que quando eu não dava aulas. Depois de ensinar, foi que aprendi. Posso dizer que aprendi ensinando. Principalmente nas aulas de Português onde o exercício contínuo é de grande importância para o aprendizado.

Mostrar as metodologias ativas como uma das melhores formas de ensino foi o principal objetivo desse trabalho, afinal, temos várias formas de aplicar o ensino de maneira que o aluno participe. Se o método tradicional, ao olhar de muitos alunos, é entediante, a aprendizagem ativa traz um novo ar para o ensino, onde desperta o interesse desses alunos, fazendo com que eles aprendam. Se o maior foco do professor é o aprendizado dos seus alunos, ele deve sempre repensar em novas maneiras de entretê-los.

É relevante que o professor pense numa sala de aula invertida, no aluno como professor, em novos textos, novas leituras, trabalhos em grupo e tudo que envolva a participação do aluno na hora de ensinar, pois assim, o ensino se torna mais leve e traz resultados mais eficazes. É relevante também, que esse professor sempre se autoavale e repense sobre a eficácia dos seus métodos. O grande protagonista da sala de aula é o aluno, o professor, como mediador, deve ser um facilitador do conhecimento e deve ter essa consciência, de que ele deve ser o facilitador e não o “dificultador”. Apesar de muitos

professores, pais e alunos, pensarem que professor bom é aquele que é difícil de passar, eu diria o contrário. Professor bom é aquele que facilita a matéria para o aluno através de métodos eficazes e facilitadores. Quando toda uma turma vai mal numa prova, não é o professor que é bom demais, não é a matéria que é difícil demais, é o método aplicado que não está funcionando. E isso deve ser repensado. Sempre.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2013.

ARANHA, Ágata Cristina. *Orientação de Estágios Pedagógicos: Avaliação Formativa versus Avaliação Somativa*. *Boletim SPEF*, 1993. Disponível em: <<https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/viewFile/71/60>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

FERNANDES, Elisângela. *Conhecimento Prévio*. *Nova Escola*, 2011. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1510/conhecimento-previo>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

LEÃO, Denise Maria Maciel. *Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista*. Ceará. A aquisição da língua escrita na criança: escola tradicional x escola construtivista, 1996. p. 187 – 206.

MALI, Taylor. *Um bom professor faz toda diferença*. Tradução de Leila Coceiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

PALHARINI, Cristiano. *Peer Instruction: Uma metodologia ativa para o processo de ensino e aprendizagem*, Cristiano Palharini, 2012. Disponível em: <<https://cristianopalharini.wordpress.com/2012/05/26/peer-instruction-uma-metodologia-ativa-para-o-processo-de-ensino-e-aprendizagem/>>. Acesso em 26 maio. 2018.

PASINOTTO, Renata. *O erro no processo de ensino-aprendizagem*. 2008. Tese (Monografia Matemática) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI – Campus de Erechim, Erechim.

SELBACH, Simone *et al.* *Língua Portuguesa e didática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SILVA, Salete. *A Aprendizagem Ativa*. *Revista Educação*, 2013. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/aprendizagem-ativa/>>. Acesso em: 25 maio. 2018.

VENTURI, Jacir J. O foco deve ser a aprendizagem não a “ensinagem”. *Linha Direta*, 2013.
Disponível em: <<https://www.linhadireta.com.br/publico/images/pilares/dqg67vpzpbwq.pdf>>.
Acesso em: 3 jun. 2018.